

Estreitas relações entre Gramática e Literatura na análise de poema de Alberto Caeiro

Suely Corvacho (IFSP)¹

RESUMO

Esta comunicação apresenta um exemplo de como explorar, no ensino médio, a profunda relação que existe entre Literatura, Língua e Redação. A análise do poema XLV de *O guardador de rebanhos* de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, permite que os conhecimentos do funcionamento da língua sejam aplicados para iluminar a obra e essa, por sua vez, permite a ampliar os conhecimentos do funcionamento linguístico. Além disso, a análise estimula o aluno a explorar outras possibilidades de uso da língua, convidando-o a criar e a brincar com a linguagem.

ABSTRACT

This communication presents an example of how to exploit, in high school, the profound relationship that exists between Literature, Language and Writing. The analysis of the poem XLV *The keeper of herds*, of Alberto Caeiro by Fernando Pessoa heteronomous, allows the knowledge of the functioning of the language to be applied to illuminate the work and, in turn, the work allows to broaden the knowledge of the functioning of the language. Furthermore, the analysis encourages students to explore other possible uses of language, inviting them to create and play with the language.

1. Introdução

Há tempos no Ensino Médio do Brasil, a Literatura vem sendo tratada como disciplina distinta da Língua Portuguesa: uma mais voltada para História da Literatura, enquanto a outra para o funcionamento da língua e a elaboração de textos. Inúmeras iniciativas tentam romper esse esquema, contudo a distância entre ambas permanece. A presente comunicação procura mostrar que é possível e proveitoso para o aluno do ensino básico explorar a profunda relação que existe entre Literatura e Gramática e, para ilustrar, analisaremos o poema XLV de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa.

A interpretação do poema exige não só compreensão do gênero literário, mas sobretudo o domínio do funcionamento gramatical da língua em suas várias dimensões: o contexto comunicativo, o reconhecimento das marcas do discurso filosófico, o domínio de estruturas sintáticas, a reflexão sobre a natureza da composição do plural e do coletivo dos substantivos, o reconhecimento do paralelismo, etc. O poema permite também perceber que os mecanismos lingüísticos assumem contornos inovadores e surpreendentes nas mãos do grande autor, uma vez que o heterônimo procura se distanciar do pensamento e privilegiar os sentidos. Nesta proposta de trabalho, o aluno vai desfrutando a dimensão mais lúdica e criativa da linguagem, em que os

¹. E-mail para contato: sucorvacho@uol.com.br

mecanismos gramaticais iluminam o texto literário e, ao mesmo tempo, são iluminados pelo poema, que os retira de sua forma mais neutra, opaca e descontextualizada. Por fim, sem prescindir dos tão necessários quadros sistematizadores, o aluno, ele próprio, poderá atender ao convite de decifrar e/ou elaborar novos poemas, certos de que poderão responder positivamente à questão de Drummond: “trouxestes a chave?”

2. Alberto Caeiro e o Sensacionismo

XLV

Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta.
Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.
Renque e o plural árvores não são cousas, são nomes.

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de cousa a cousa,
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!

Aceitando o jogo proposto por Fernando Pessoa no qual cada heterônimo tem vida e obra próprias - jogo tão radical, em que ele próprio, Pessoa, se torna personagem deste teatro - diríamos que o poema XLV pertence ao livro *O Guardador de Rebanhos* (1914-15) escrito por Alberto Caeiro numa quinta isolada onde morava desde os dois anos. Ainda nessa quinta, escreveu os primeiros poemas a que chamou de “criança”, *O Guardador de Rebanhos*, *O Pastor Amoroso* e os primeiros poemas de *Poemas Inconjuntos*.

Seu currículo é breve, pois, conforme Ricardo Reis, Caeiro nasce em Lisboa a 16 de abril de 1889 (um ano depois de Fernando Pessoa). Órfão de pai e mãe, passa a residir com uma tia-avó na quinta do Ribatejo, de onde sai pouco antes de morrer. Os seus momentos finais são passados em Lisboa, onde compôs os últimos poemas de *Poemas Inconjuntos*. Morre aos 26 anos, vítima de tuberculose.

Não teve formação superior, cursou apenas a instrução primária, porém Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Fernando Pessoa o consideram o mestre, uma vez que adota uma postura filosófica que rompe com as de seu tempo. O Sensacionismo, como ficou conhecida a “filosofia” de Caeiro, defende que não se deve pensar, mas usar os sentidos, ou, conforme suas palavras: “penso com os olhos e com os ouvidos e com as mãos e os pés e com o nariz e a boca” ou “os meus pensamentos são todos sensações”.

Adepto à vida simples do campo, integrado à Natureza e avesso a qualquer sistema filosófico ou religioso, Caeiro nunca foi materialista, embora alguns assim o considerem. Para ele, o materialismo não passa de “uma coisa de padres sem religião” (1992, p.248), e quando insistem em associá-lo a esse sistema filosófico, corrige enfaticamente:

“Não, não sou nem materialista nem deísta nem cousa nenhuma. Sou um homem que um dia, ao abrir a janela, descobri esta cousa importantíssima: que a Natureza existe. Verifiquei que as árvores, os rios, as pedras são cousas que verdadeiramente existem. Nunca ninguém tinha pensado nisto. Não pretendo ser mais do que o maior poeta do mundo. Fiz a maior descoberta que vale a pena fazer e ao pé da qual todas as outras descobertas são entretenimentos de crianças estúpidas. Dei pelo Universo. Os gregos, com toda a sua nitidez visual, não fizeram tanto.” (2001, p. 201)

3. O Sensacionismo e seus interlocutores

Não é possível pensar a emergência do heterônimo Alberto Caeiro sem evocar o final do século XIX e o Simbolismo e, para ser mais preciso, sem evocar Baudelaire. Como bem afirma Fernando Cabral Martins, em seu ensaio, já em meados do século XIX, Baudelaire com sua teoria das correspondências rompe com a mimese aristotélica e a “representação torna-se livre, aberta, não dependente de nenhum modelo consuetudinário de Natureza ou de Poeta. A imagem pode ser construída a partir de sinestésias ou de analogias não baseadas numa relação de semelhança” (2001, p.282). Publicado em *Flores do Mal* (1857), obra considerada o marco inicial do Simbolismo na França, o poema “Correspondências” de Charles Baudelaire é também um dos mais representativos desta escola literária.

A Natureza é um templo onde vivos pilares
Deixam escapar, às vezes, confusas palavras;
O homem ali passa por entre florestas de símbolos
Que o observam com olhares familiares

Como longos ecos que ao longe se confundem
Em uma tenebrosa e profunda unidade,
Vasta como a noite e como a claridade,
Os perfumes, as cores e os sons se correspondem.

Há perfumes frescos como carnes de crianças,
Doces como oboés, verdes como as pradarias,
- E outros, corrompidos, ricos e triunfantes,

Tendo a expansão das coisas infinitas,
Como o âmbar, o almíscar, o benjoim e o incenso,
Que cantam os transportes do espírito e dos sentidos.

De acordo com Emmanuel Swedenborg, místico sueco que influenciou a corrente literária, entende-se por “Correspondência” a estreita conformidade entre o mundo material e o espiritual. Ou seja: tudo o que há na face da terra não tem existência em si; pelo contrário, subsiste em relação ao mundo espiritual que lhe dá sentido” (1985, p.35). É bem verdade que Baudelaire não compartilha do princípio religioso de Swedenborg (que desejava alcançar a totalidade de Deus, ligando o mundo material ao espiritual); para o poeta francês o que interessa são as conexões aqui na terra, “a plenitude” alcançada pelo homem supõe a sua integração no mundo que o rodeia” (1985, p. 36).

A concepção de Baudelaire radicaliza-se com a colaboração de Rimbaud e de Marlamé e o Simbolismo torna-se doutrina na França. Sá-Carneiro, amigo mais íntimo de Fernando Pessoa, transmite de Paris, onde se encontrava desde a primeira década do século XX, a nova forma de elaborar a composição em que há a “perda insuportável do sentido por meio do símbolo ‘quase’: a ambigüidade é total, a abertura é infinita, o que resta dos versos torna-se um estar sempre ‘entre’, numa deambulação desorientadas entre as ruínas do passado e as ânsias de Novo” (2001, p.282-3). A partir de então, o diálogo com o Simbolismo se intensifica e, já no início de 1913, surge o Paulismo, estilo literário em que Sá-Carneiro e Fernando Pessoa pretendem acrescentar outros elementos ao Simbolismo francês.

Ainda que outros interlocutores possam ser lembrados para compreender a emergência do heterônimo, o certo é que, nesse momento, o Simbolismo contribui significativamente para o “nascimento”, na noite de 8 de março de 1914, de Alberto Caeiro e de sua obra. Diante da ruptura de todas as formas de representação, Caeiro propõe uma nova mimese na qual se rearticula a eficácia referencial - o Sensacionismo - a percepção direta e imediata da realidade.

Sua obra está repleta de temas que rompem com a Metafísica e com a ideia de símbolo. Exemplo disso é o poema V de *O guardador de rebanhos*: “Há metafísica bastante em não pensar em nada”; ou os poemas que apregoam o uso dos sentidos: “Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...” (poema II de *O guardador de rebanhos*) “os meus pensamentos são todos sensações” (poema IX de *O guardador de rebanhos*). A ideia de símbolo ora é combatida diretamente, como no poema V de *O guardador de rebanhos*: “O único sentido íntimo das coisas. É elas não terem sentido íntimo nenhum”; ora é combatida indiretamente, quando problematiza a linguagem, como o “Falaram-me em homens e humanidade”, que nega construções lingüísticas que agrupam os seres, tais como o plural e o coletivo. Isso permite inferir que, assim como o coletivo e o plural, o signo, que requer interpretação, não existe na realidade, não passa de construção mental.

O poema “Falaram-me em homens e humanidade” faz parte do livro *Poemas Inconjuntos*, cujo título sugerido por Álvaro de Campos foi adotado por Ricardo Reis, responsável por sua

publicação. Segundo as notas da edição crítica, por baixo desse texto, surgem variantes para os poemas XLV e XXIII de *O Guardador de rebanhos*

“Falaram-me em homens e humanidade
Mas eu nunca vi homens nem humanidade
Vi vários um-homens assombrosamente diferentes um do outro
Cada um separado do outro por um espaço sem homens”

Como vemos, o poema discute a mesma temática do XLV de *O guardador de rebanhos*, ou seja, o mundo é partes sem um todo, só há singularidades.

4. Análise do poema

4.1. Gênero literário: poético

Com relação ao gênero literário, é possível explorar o número e a irregularidade das estrofes, bem como a escolha de versos brancos, relacionando não com a modernidade, ainda que esses elementos sejam marcas do Modernismo, mas acima de tudo articulando com a filosofia de Caiero, que é contrário ao uso do pensamento. A busca da forma mais trabalhada que perseguisse a regularidade do ritmo e da rima exigiriam o árduo e lento trabalho mental que contraria a percepção imediata e direta da realidade.

No entanto, ainda que o lapidar poético não seja algo valorizado pelo heterônimo, percebe-se a recorrência do paralelismo, em que se nota a integração perfeita entre forma de conteúdo, já que o poema estabelece um paralelo entre duas ideias: a visão de que a realidade pode ser ordenada segundo critérios definidos pelo homem; e outra, defendida pelo autor, de que tudo é único, singular na Natureza.

Com os alunos, é possível sublinhar como o recurso do paralelismo é frequente no gênero poético e, nessa perspectiva, ler o poema de Carlos Drummond de Andrade “Confidências do itabirano” que apresenta também uma estrutura paralelística bastante nítida. A partir daí, convém aprofundar o estudo do paralelismo sintático, morfológico, etc.

Após o trabalho com o gênero literário, o aluno pode ser convidado a redigir pequenos textos poéticos recorrendo ao paralelismo aqui apresentado, ou ainda redigir um poema com o mesmo tema ou com a mesma estrutura poética do estudado.

4.2. Marcas do discurso filosófico

A primeira estrofe do poema permite trabalhar as marcas do discurso filosófico, que busca a reflexão sobre determinado assunto. Aqui temos notadamente o procedimento socrático, que consiste em tomar um conceito bastante sedimentado no senso comum, perguntar com o objetivo de destruí-lo, e, em seguida, “dar à luz” (*maiêutica*) a um novo conceito.

“Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta. (conceito a ser derrubado)
Mas o que é um renque de árvores? (pergunta retórica)
Há árvores apenas. Renque e o plural árvores não são cousas, são nomes” (novo conceito)

Para aprofundar o tema, sugere-se a leitura de “Górgias: (ou Sobre a retórica. Gênero refutatório)” de Platão, ou os primeiros capítulos do Livro 1 da *Retórica* de Aristóteles. Cada texto amplia o repertório do aluno em uma direção; o de Platão, por exemplo, questiona o lugar da retórica, recorrendo a procedimentos bastante refinados de reflexão. Pela natureza teatral do texto platônico, é possível fazer uma leitura dramatizada, na qual cada aluno interpretará um papel: Cálicles, Sócrates, Querefonte, Górgias e Polo, exercitando, desta forma, recursos de oralidade.

Por fim, convém aprofundar as categorias que aparecem no poema, ou seja, nome, plural e coletivo. Explicar a diferença entre o plural, que se refere a uma quantidade de indivíduos (seres), e o coletivo, que, com sua forma singular, sem indicação numérica, consegue agrupar um grande número de elementos. A diferença conceitual é importante para compreender o poema, pois, para Caeiro só há singularidades, não há um ser que possa ser comparado a outro, cada um é diferente; portanto, categorias como plural ou coletivo são criações fantasiosas do pensamento humano, não existem na realidade.

Após o trabalho com os três conceitos que aqui aparecem: nome, plural e coletivo, é possível pedir ao aluno que reescreva o poema (ou a primeira estrofe) substituindo por outros nomes, plurais e coletivos; ou ainda, que redija uma dissertação cuja introdução se inspire na primeira estrofe do poema.

4.3. Argumentação X Sensacionismo

Como argumentar sem usar o pensamento? Essa é a questão-chave para explorar a segunda estrofe do poema. A argumentação é o momento do processo retórico em que são apresentadas as razões que sustentam a tese, ou seja, são exploradas as relações entre as proposições com o objetivo de se tirar uma conclusão. As relações podem ser de natureza diversa: de causalidade, de conseqüências, de anterioridade, de posterioridade, de autoridade, de analogia etc. Entretanto, não há como estabelecer relações sem passar pelo raciocínio, em outras palavras, não é possível argumentar sem usar o pensamento.

A aparente impossibilidade se desfaz, quando examinamos como Alberto Caeiro construiu sintaticamente a segunda estrofe do poema.

Tristes das almas humanas
que põem tudo em ordem, (Oração Subordinada Adjetiva Explicativa 1)
que traçam linhas de cousa a cousa (Oração Subordinada Adjetiva Explicativa 2)
que põem letreiros com nomes... (Oração Subordinada Adjetiva Explicativa 3)

E (que) desenham paralelos ... (Oração Subordinada Adjetiva Explicativa 4)

Ainda que, do ponto de vista sintático, sejam iguais (Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas), cada oração é composta por elementos diferentes. Ainda que todos os verbos sejam transitivos diretos, cada oração é diferente da outra. Ainda que os verbos estejam no mesmo campo semântico (“põem tudo...” , “traçam linhas...” , “põem letreiros...” , “desenham paralelos...”), cada oração não se repete, cada uma é diferente da outra. Com isso, o autor consegue que o leitor **veja** o que defende, ou seja, ele cria uma argumentação que não apela para o raciocínio, mas para os sentidos, nesse caso, a visão.

Após o trabalho com a segunda estrofe do poema, é possível pedir ao aluno que elabore um poema substituindo o argumento visual por um de autoridade, outro de analogia, outro de exemplificação, outro de ilustração, outro de dados numéricos, etc. Ou, ainda, é possível pedir que transponha o poema para outra linguagem: visual, musical, pictórica, e outras.

5. Conclusão

O exemplo que aqui apresentamos, a análise do poema XLV de *O Guardador de rebanhos*, de Alberto Caetano tentou mostrar que, no ensino básico, é possível e desejável a integração de áreas que hoje são trabalhadas separadamente. O aluno pode valorizar mais a obra literária se compreender a complexidade das relações linguísticas que ali se estabelecem, e poderá também valorizar a necessidade de dominar as categorias gramaticais para iluminar o texto literário. Desta forma, o diálogo que se estabelece entre as áreas vai descortinando a complexidade, a beleza e as possibilidades do exercício de liberdade que o domínio linguístico proporciona.

Como vimos, não há incompatibilidade entre a história literária, a biografia do autor, a temática recorrente, o estudo dos procedimentos linguísticos, o reconhecimento das marcas do discurso filosófico, a reflexão sobre categorias linguísticas, o domínio das estruturas sintáticas, e a produção de texto em diversos gêneros e linguagens. Em suma, a presente comunicação defende o resgate da profunda relação que existe entre Literatura, Língua e Redação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMES, Álvaro Cardoso. **A estética simbolista**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MARTINS, Fernando Cabral. “A noção das coisas” IN PESSOA, Fernando. **Poesia/Alberto Caetano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PESSOA, Fernando. **Poesia/Alberto Caetano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. “Prefácio de Ricardo Reis” In **Poesia/Alberto Caetano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. “Posfácio de Álvaro de Campos” In **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

Zenith, Richard. “Caeiro triunfal” In PESSOA, Fernando. **Poesia/Alberto Caeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.